

Educação do Futuro e a Reorganização do Poder na Sociedade

Carlos Alberto Emediato

Sociólogo pela UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, Ph.D. em Política da Educação pela Stanford University na Califórnia, com Mestrados em Ciência Política pela UFMG, e em Educação pela Stanford University. Professor dos Cursos de Pós-Graduação em Educação da UFMG e de Psicologia Social da PUCSP, Visiting Scholar na School of Education - Stanford University, lecionou por seis anos Análise e Formulação de Políticas Públicas na Escola de Governo da FUNDAP-SP.

Tecendo Sonhos com a Realidade

O Amor pelo Conhecimento, a crescente curiosidade no aprender sempre, o prêmio do insight, o “aha!”, a recompensa da investigação persistente, a descoberta do corpo, suas mudanças e reações, a admiração da luz, do sol, da naturalidade das flores, das cores, e das hortaliças, dos movimentos dos animais minúsculos ou potentes.

Os Saberes da Tradição, de onde viemos, dos pais, dos avós, dos locais. Os que sabem plantar, os que cantam, os que tecem e os que montam e constroem. Os dos escritórios ou das viagens, das lojas, armazéns ou supermercados. Os que plantam e cantam, os que advogam e jogam futebol, os que trabalham em três empregos: barbearia, taxi, e vendas por internet, os microempreendedores.

As descobertas das origens, os astros, os sóis, estrelas que não existem mais cintilando na nossa noite. A origem do planeta, da vida terrestre, das espécies e de uma espécie que ao longo do tempo passou a conhecer-se. Aos poucos, um pouco da vastidão que só por anunciar-se já nos estimula a desvendar mais, a desenhar novos cenários, a buscar caminhos para indagar como crianças e sermos práticos como elas quando estão livres para experimentar.

O pertencimento à evolução da vida e à história do mundo. Os povos, as nações, os países. As guerras, os artistas, os atletas, as músicas, danças, rituais, as línguas, as empresas, as viagens, dinheiro, moedas diferentes, riqueza, pobreza, doenças, epidemias, vírus naturais e virtuais, conflitos, refugiados das guerras e da pobreza.

Conhecer-se nos hábitos, nos gostos, nas necessidades, sensações, sentimentos, vínculos. Desafio de suas capacidades e habilidades, jogos, lógicas distintas, visões de mundos de povos e nações, mitos, cosmogonias, valores. Arquiteturas onde os ângulos não se repetem, explicações distintas, investigação pela imaginação, perscrutar sons, cores, dimensões. Meditar.

Palestinos enviando fotos para judeus, judeus para palestinos. Judeus morando em casa de palestinos e neste intercâmbio de uma semana, palestinos ficando em famílias judaicas. Central telefônica para conectar gente dos dois lados do muro, computadores. Comunicação Não Violenta nas Escolas, mulheres que trocam conhecimento com mulheres em cada prédio, mães que compartilham de negro suas dores de perda. Além das Palavras, mulheres, e hoje também homens, mães e hoje também jovens, fazendo amigos por dentro das almas mesmo que ainda doloridas pelo rancor, pela raiva, pelo automatismo da aversão. Criando movimentos e colorindo seus corpos, compartilhando espaços além do entendimento. Nascem redes onde a intimidade foi talhada no acolhimento do seu próprio sofrimento. Vivências que se tornam método, jeito, encontro. Rituais dos que celebram na sexta-feira, no sábado ou no domingo. Final de semana compartilhado. Símbolos, cores, vestimentas. Compartilham o alimento, anunciam a conversa.

Mais a leste, cidades que se tornaram centros de consumo de drogas e prostituição, diversão para os homens em guerra. Vínculos que se estendem pela língua, pela utilidade, e algumas vezes pela sorte de sobreviver às doenças, aos tiros e bombas, a napalms e minas. Nascem acampamentos para crianças e jovens – Happiness Camp – onde se aprende gentileza, boas maneiras, valores, concentração, humor e diversão. Novas relações nas escolas e na família. A vida como se apresenta permitindo se apresentar para a vida. Lugar de tradições e modernidade, colocando um milhão de crianças cantando pela paz. “Vamos Mudar o Mundo Juntos, Além da Cura, Mudar o Mundo Juntos”. Ao longo de 15 dias, em quase todas as escolas do país, preparam crianças e adolescentes para um concurso sobre ética. Para os jovens de diferentes países preparam, através de exercícios e conversas à distância, para o Revolução da Paz, um programa de três semanas de vivências, trocas, conhecimento e reflexões sobre o mundo e suas necessidades fundamentais.

Treinamento em compaixão, ouvir cada um e acompanhar seus progressos afetivos e emocionais. Bons resultados. Centrar o aprendizado na experiência de cada um. Avaliação contínua, pessoal, intrínseca ao processo. Ambientes diversos saudáveis e estimulantes. Plantar, trabalhar madeira, preparar alimentos, medir, construir instrumentos, jogos, descobrir as lógicas, escrever os números e as palavras, expressão pelas artes e o fazer. Consciência do corpo, ciência da saúde.

Checar a utilidade diária do conhecimento. À partir do próprio conhecimento, da experiência vivida e gerada na interação com a natureza, com o grupo, com os fazeres. Constelação Familiar, saberes das famílias, das origens, desafios dos conflitos e das condições. Buscar entender o mundo, o que vem da mídia, a diversidade dos povos, religiões, etnias, valores. Criar vínculos, curar traumas e separações. Vitalizar as famílias e cuidadores. Necessidades especiais, zerar a evasão, respeito, desativar a violência, atividade criativa, espaços de expressão, projetos próprios. Outras formas de escrever, representar conhecimento, mapas mentais, esquemas e conexões.

Grupos de estudos, mentorias, quem sabe ensina a quem não aprendeu ainda, exercícios de autonomia, diversos arranjos, projetos, não seriação, criação de consensos, varias configurações, inteligência coletiva. Sensações, sentimentos, intuição, espaços de experimentação, cópia, reprodução, entendimento das engrenagens, aprendizagem em parques, florestas, criar ou manter vegetação, computadores disponíveis nas árvores e em muros, questões provocadoras da curiosidade, redes de aprendizagem por interesses comuns e afinidades. Plataforma Khan, desenvolvimento das habilidades de pesquisar e organizar informações, resolver problemas, metodologias de resolução de conflitos, círculos restaurativos. Ateliês de Artes, hobbies, cuidado com animais, ações humanitárias, intercâmbio virtual, pessoal.

Autonomia das Escolas, Conferências de Pais, Professores e Jovens, Projetos, Oficinas, Laboratórios, Vegetação, Projeto Família, Integração de Atendimentos em áreas conflagradas, Acompanhamento Individual, Educando com Brincadeiras (Refugiados – Play for Peace), Criando Centros de Música no Mundo (Playing for Change), Intercambio Inter-regional e Internacional (CISV), Rádios Estudantis, Centros de Educação Integrada. Educação Comunitária (Ecovilas), Redes de Escolas Criativas, Utilização de Equipamentos Públicos, Redes de Aprendizagem.

A esta altura o leitor pode se sentir convidado a continuar a pintura deste painel, ou acrescentar imagens a esta sequência de fotos de experiências reais das quais tenha ou esteja participando, conheça ou tenha pesquisado. Vivências de princípios que alimentam uma educação do futuro, de novos valores e ferramentas efetivas, de relações educativas, do encantamento das descobertas, ou mesmo por experimentar a excitação da possibilidade que se anuncia.

Todos os registros acima são recortes de experiências concretas, realidade presenciada ou relatos ouvidos de iniciativas, projetos e vivências, algumas de países distantes. Compartilhadas em Encontros da Rede Global de Educação para Paz, relatadas em eventos, vividas por nossos parceiros, comunicadas publicamente como caminhos abertos para a prática de uma educação para este tempo. Material para sonhos realizáveis!! Sementes que vão germinar!!

Transição Civilizatória

A construção de uma Educação do Futuro requer uma nova visão da natureza humana e de nós mesmos. Isto implica uma nova visão do nosso poder como indivíduos e cidadãos. A humanidade está vivendo um amplo e disseminado processo de transição civilizatória. Esta transição atinge a todos. Ela, também promove uma mudança radical dos componentes básicos das visões vigentes. Visões são compostas por conceitos que se consolidam nas nossas estruturas perceptivas e nas formas de organização da ação humana.

Quatro conceitos são apontados como fundantes de como entendemos e organizamos o mundo. Os conceitos de matéria, espaço, tempo e pessoa. Ao se examinar processos de transições profundas é importante perguntar: Como estas transições acontecem ? Quais são as forças geradoras destas mudanças? Que atores compõem esta rápida sucessão de cenários?

Se examinarmos como as civilizações se sucedem, ascendem e declinam na história humana, veremos que além dos novos conceitos que animam as forças emergentes, estas novas visões vão se construindo em práticas sociais fundadas em necessidades e possibilidades. Estas se anunciam pela ação de novos conceitos, insights e descobertas incorporados nas atividades dos agentes transformadores, e pela força dos movimentos que se expressam na direção da mudança. Visão e movimentos transformadores se alimentam mutuamente. Muitas vezes as novas visões que vão se formando tomam tempo para que sejam assimiladas de forma significativa e tenham efeito transformador. A inércia dos interesses estabelecidos e as formas de conhecimento vigentes, quase sempre impedem que os sistemas promovam mudanças significativas nas suas concepções e estruturas de poder. Quase sempre as mudanças são gestadas pelas forças que se tornam marginais ao sistema. Quanto mais o sistema se

defende e encolhe, mais evidente se tornam as necessidades e possibilidades de mudança.

Quais são as indicações que sinalizam as mudanças de visão, em curso? Como os conceitos de matéria, espaço, tempo e pessoa tem sido alterados no curso dos últimos duzentos anos, ou das últimas duas décadas? A noção de uma materialidade fixa e imutável tem cedido lugar, desde o final do século XIX, a de um mundo em constante criação. No coração da matéria não há matéria. Esta mudança de concepção pela ciência ocidental foi fortemente apoiada pelo crescente diálogo com tradições de sabedoria orientais que já concebiam o universo como vasto, infinito, múltiplo e multidimensional. A matéria entendida como condensação de energia mais sutil, assim como nosso corpo formado por uma complexa trama de padrões interdependentes de energia. A teoria da evolução, igualmente, mostra-nos que há um processo de sínteses sucessivas que acontecem pelas formas adaptativas e pelas mutações que permitem a manifestação da vida em formas mais complexas e inteligentes.

Além dos estados sólidos e fixos que caracterizam a imagem convencional que fazemos do “espaço”; cada vez mais, penetramos em nano realidades nas quais fazemos operar máquinas moleculares, como nos deparamos com a vastidão dos multi-universos. Mesmo próximo a nós, temos “espaços alterados” por estados da matéria onde, viajar pelos líquidos dos rios e oceanos ou através da atmosfera, nos leva a relacionar com “estados” de menor fixidez e realidades distintas das que tomamos por referência em terra firme. Há grupos que vivem em barcos e se movem nos canais, rios e mares. Há astronautas vivendo meses em estação espacial. No nível dos “espaços” formados pelos vínculos das sociedades humanas, há pelo menos dois espaços a considerar: a espacialidade local, onde os vínculos acontecem através das interações presenciais e, a espacialidade de fluxo, onde as interações se dão no espaço virtual. Especialmente nas duas últimas décadas, uma crescente comunicação, compartilhamento, amizades, trabalho, tratamentos, cirurgias, comércio se processam nos espaços virtuais ou de fluxo. Novas formas de organização das relações humanas, novos produtos e serviços, valorações distintas, tem surgido a cada dia, às quais algumas instituições conseguem timidamente se adaptar, outras, a custos humanos e sociais altíssimos, resistem.

Na esfera da percepção e comunicação humanas, também nosso conceito de “tempo” tem mudado radicalmente. O “tempo cronológico”, segmentado e justaposto tem sido revisto pelo instantâneo e contínuo. “Passado”, diferentemente do que aprendemos como fatos da “história real”, é uma construção, uma montagem parcial de imagens que constituem cenários e correspondem a óticas específicas. Realizamos estas montagens, individual e coletivamente, no presente. Assim como nosso “futuro” se compõe de projeções a partir do contexto atual ou temperado por intuições e pela imaginação. O “tempo mental”, pode ser extremamente lento ou muito rápido dependendo da dinâmica dos insights reveladores ou das memórias emocionais e traumas que perduram por décadas e gerações. Depende, vamos dizer, da força gravitacional de nossas sensações e emoções, ou da clareza dos insights transformadores. Há a relatividade em função da referência, na terra ou no espaço. A totalidade de cada instante nos permite resgatar a continuidade da vida se expressando além das divisões que convencionamos como estruturadoras da nossa ação ou organização social. Há encontros que nos atestam das sincronicidades. Um “tempo” que opera pelas configurações que se formam, onde a programação não alcança. Surpresas que subvertem a expectativa temporal das etapas, estágios, classes, séries, planos. Revelações!! Presença !! Sinais de eternidade!!

Construindo sobre Novas Bases

Visões distintas de educação derivam naturalmente de como concebemos a experiência humana. O caráter mundial da presente transição civilizatória vai nos mostrar diferentes referências de “pessoa” que não se restringem à visão liberal do homem surgida na Europa no século XVIII e que se expressa de forma mais evidente nas Revoluções Americana e Francesa. A revolta contra o domínio colonial na América vem junto com um novo conceito de cidadania, liberdade, participação e organização política que caracterizam a República Liberal. A ruptura com a ordem monárquica e clerical na França já minadas pelo mercantilismo, pela urbanização e industrialização incipientes, é iluminada por uma nova visão dos direitos do homem e do cidadão. No ideário revolucionário, a educação pública acessível a todos, é proposta como condição e garantia do exercício da cidadania. A democratização controlada do conhecimento é vista como essencial ao processo de mudança e do exercício do poder. Igualmente, o

avanço da sociedade industrial na Europa e Estados Unidos, onde a visão liberal representa os interesses econômicos emergentes, tomam a educação como caminho, ao mesmo tempo de controle social, como de formação hierárquica de mão de obra qualificada para as funções do Estado. No ocidente estas tem sido as heranças mais marcadas dos sistemas educacionais moldadas pelas desigualdades de classe, de gênero, étnicas e controladas pelo estado.

Cria-se o homem unidimensional programado para ser uma peça na engrenagem produtiva ou na segmentação hierarquizada das burocracias. As tendências da formação do pensamento único com o controle dos currículos nas suas formas oficiais, ou oficiosas, são peças reducionistas, uniformizadoras e empobrecedoras. Trazem o carimbo do ensino oficial, do conhecimento válido, verificado por exames e vestibulares. Os grandes números, as soluções massivas vem indicando o avanço da proposta de se integrar mais pessoas nos processos sociais “democráticos” de seleção onde os padrões são previamente definidos.

A Educação do Futuro que foi sendo elaborada pelos organizadores da “Conferência de 1993”, em diálogo com pensadores da teoria da complexidade, das abordagens sistêmicas e propostas transdisciplinares, com movimentos de mudança, inovadores em projetos comunitários, da mídia e do uso de plataformas virtuais, caminha na direção de uma visão de pessoa e cidadão que incorpora princípios e valores ainda não presentes na dinâmica dos agentes educacionais convencionais e dos sistemas de ensino.

A Educação do Futuro vê a experiência humana como interdependente, tecida a partir dos elementos da natureza que compõem o seu corpo e organicamente imbricada no conjunto de relações humanas e ambientais nas quais manifesta seus padrões próprios e da espécie que a constitui. O princípio da interdependência se complementa com a autonomia, e nos leva a recriar os conceitos “liberais” da liberdade e da responsabilidade.

A Educação do Futuro, vê um ser humano multidimensional onde o conhecimento está presente na corporalidade de seus sentidos, na motricidade das emoções, no refinamento dos sentimentos, na imaginação/fantasia, nos mecanismos perceptuais, na motivação e vontade. Multidimensionalidade que nos aponta para diferentes níveis de consciência que conduzem nossa experiência a esferas distintas de

percepção, motivação e propósito à medida que palmilhamos territórios novos na vastidão do espírito humano. Vê o ser humano como parte integrante do jogo cósmico e planetário da evolução onde o pertencimento e a irmandade com outros níveis de manifestação da vida acontece na tessitura de sínteses sucessivas criando formas mais complexas e inteligentes expressas em níveis ampliados de organização-consciência individual e coletiva.

Outros princípios se apresentam na formação da visão de pessoa na Educação do Futuro. Nesta direção podemos apontar a complementaridade onde as polaridades são vistas como componentes da tensão criativa da totalidade e não como antagonismos. Feminino e Masculino, Positivo e Negativo, Onda e Corpúsculos, Oriente e Ocidente, Norte e Sul. Como no símbolo do I Ching, no núcleo do feminino o masculino, no núcleo do masculino o feminino. No suposto inimigo, o meu espelho. A linha que separa é também o ponto de contato.

A grande diversidade humana que nos traz o colorido de tantos povos e culturas convivendo no espaço da emergente sociedade planetária, nos convida a preservar os direitos e espaços de expressão das originalidades locais e pessoais, bem como, a identificar a unidade que perpassa a diversidade no compartilhar a casa comum e as necessidades e aspirações presentes em todos os seres humanos. Unidade que se tornou mais visível nas fotos da Terra sem fronteiras ou divisões, na espécie humana, pelo entendimento dos ecossistemas e processos econômicos, como conjuntos interligados onde um distúrbio na biosfera do planeta ou uma crise econômica afeta as condições de sobrevivência de cada indivíduo.

A igualdade tomada como um valor a ser realizado pela humanidade como o afirmado pela Revolução Francesa e os experimentos históricos do socialismo, tem sido tomada como um princípio fundante de todas as democracias desde a Grécia. Baseia-se não somente na nossa interdependência e por nos constituirmos como uma espécie, mas por termos nossa origem na mesma fonte da vida. As diferenças étnicas, culturais, de gênero ou políticas, de estágios civilizatório, são manifestação da mesma caminhada que nos constitui como humanidade. As diferenças ou identidades particulares não podem inibir a universalidade da dignidade humana que precisa manifestar-se em direitos políticos, econômicos, sociais e ambientais para todos no planeta.

A criatividade, anteriormente atribuída aos artistas e gênios, é concebida nos nossos dias como uma capacidade presente em cada ser humano em estado latente ou ativada pelo contato com nossos talentos e nossa fonte de verdade. Somos capazes de produzir utilizando nossa capacidade cotidiana de resolver problemas, solucionar conflitos, alterar nossos ambientes, equacionar nossa alimentação, produzirmos obras de arte, de artesanato, novos designs, músicas, dança, técnicas cirúrgicas, satélites, plataformas no espaço assim como imprimir inteligência em máquinas. Desde crianças brincamos com sons, traços, cores. Ao vermos um mundo em constante criação, assim como o nosso corpo, nossas relações e contextos, entendemos que somos co-criadores com as forças que operam na natureza e com a nossa herança cultural, que criam a materialidade e ambiência do nosso exercício criativo. Há com certeza uma esfera ilimitada para nossa imaginação, para a fantasia em todas as idades, para a pesquisa e para a expansão de nossa intuição e contato com nossas fontes de inspiração. Talvez um dos traços mais marcantes da caminhada evolucionária que nos encontramos é a ativação crescente da nossa inteligência criativa que se nutre da simplicidade, da incorporação e manifestação da nossa natureza de co-criadores.

A emergência do que se chamou de “cérebro global” vem sinalizar para a humanidade a existência de sinapses eletrônicas e mentais que acompanham e intensificam a grande quantidade de trocas de informação do mundo globalizado. Simultâneo a este processo global de um exponencial aumento das comunicações, há um crescente exercício das atividades colaborativas, de pesquisas e projetos conjuntos evidenciando a existência, mas também a operacionalidade da inteligência coletiva. Muitas técnicas de diálogo, conversação, desenho de soluções trabalham, atualmente, com aplicação deste princípio com grande êxito. Diversas formas de atividade colaborativa tem sido desenvolvidas. Inclusive professores vem substituindo as provas e avaliações discursivas ou de memorização pela feitura coletiva de mapas mentais. Novas tecnologias tem facilitado os processos colaborativos assim como novos caminhos para a resolução de conflitos e dinâmicas de paz.

Numa transição civilizatória formas distintas convivem em sintonias com visões e momentos diferentes. Os sistemas formais das estruturas do estado e dos processos educativos prevalentes, tentam resolver as crises remendando o tecido social esgarçado e salvar as formas anacrônicas vigentes. Enquanto experimentos inovadores e novas

visões vão se consolidando na prática histórica dos agentes transformadores em cada segmento da sociedade. A aplicação de princípios como os apontados acima, facilitados por uma grande quantidade de métodos, ferramentas e experimentos em curso, mostram caminhos exequíveis, em sintonia com os movimentos de uma Educação do Futuro. A persistência de formas historicamente vencidas, traz à sociedade, grande custo humano, desperdício de recursos, aumento da violência, exclusão e doenças. A mudança, no entanto, exige a coragem de se mudar as relações de poder nas estruturas educativas e incorpora-las na prática cotidiana dos agentes educacionais. Requer a reorganização do poder na base da sociedade.

Novos valores derivam dos princípios citados, não como pautas declaratórias ou prescrição derivadas de códigos. O princípio da interdependência nos leva a responsabilidade universal, ao entendimento do nosso pertencimento a teia da vida e do poder pessoal de afetar com nossas decisões e atos o contexto das nossas relações. Somos interpelados como indivíduos, e convidados a ampliar os limites da nossa consciência como cidadãos do mundo. A multidimensionalidade nos leva ao exercício da integridade, nos sinalizando a vastidão dos níveis de nossa experiência que devemos integrar e buscar coerência entre eles. Além do desenvolvimento racional a necessidade de incorporar as sensações, sentimentos, motivação, formas de percepção ampliada, o humor, a fantasia, a imaginação na dinâmica da nossa experiência e de nosso conhecimento. Níveis mais expandidos de consciência dependem da expansão desta integralidade e de organizar nossa energia e relações em estados de coerência interna que nos potencializa. A evolução nos oferece a possibilidade do exercício da reverência à vida, da gratidão pela herança cósmica e planetária que nos é oferecida ao sermos concebidos nesta corporalidade. Nos ensina o valor do pertencimento e aceitação de nossas possibilidades e das condições da sobrevivência conforme os estágios civilizatórios que conseguimos alcançar. Aponta para o valor da cooperação e formas de solidariedade social que conseguem fazer avançar o experimento humano no planeta diante dos conflitos e formas de competição.

Certamente o princípio da complementaridade nos auxiliaria a vivenciar o valor da não-violência, de não termos o outro como inimigo, mas o inimigo como o desafio de compreendermos a parte de nós mesmos, como indivíduos e sociedade, com a qual não conseguimos criar dinâmicas eficazes ou soluções amplas o suficiente para que as

polaridade se tornem forças complementares. A metodologia desenvolvida pela Comunicação Não-Violenta, com resultados obtidos em situações de guerras tribais na África e escolas no Oriente Médio, indica caminhos promissores para uma linguagem da compaixão. Cada um dos princípios nos leva a um ou mais valores e qualidades humanas capazes de oferecer bases sólidas e eficazes para o desenvolvimento de novas dinâmicas educativas na sociedade e nos centros educacionais transformadores.

Da mesma forma, o princípio da igualdade nas diferenças, pode nos ajudar a colocar a reflexão sobre a Justiça e os Direitos, diante da necessidade da reconstituição do tecido social. Há uma trama mais complexa, rica e desafiadora no processo de equacionamento das violências e formas de destruição vigentes. Há práticas como a “Justiça Restaurativa” explorando outros caminhos. A “unidade na diversidade”, não somente nos lembra da nossa existência enquanto humanidade, da nossa casa comum, como do desafio de criarmos harmonia nas relações com uma natureza viva, desfrutarmos da beleza que nos é oferecida a cada dia que nasce, nos encantarmos como as crianças pelas descobertas ao verem as plantas crescendo, os bichos nascendo, outras crianças falando outras línguas e vestindo cores e trajes diferentes dos seus. Poderíamos dizer que a “criatividade” é um valor em si mesmo. Como um princípio leva-nos não somente a considerar que todos nós criamos, mas também que a inventividade, a brincadeira, a curiosidade devem ser cultivadas junto com nossa capacidade de expandir nossa intuição e de exercitar o contato com nossas fontes de inspiração.

As técnicas que utilizam o princípio da inteligência coletiva nos indicam o exercício do valor do compartilhar espaços de criação, incluindo a vulnerabilidade do não saber, de não termos a resposta pronta, mas termos a alegria de ver nascendo num processo co-criativo, soluções práticas, produções estéticas, projetos que se valem da multidimensionalidade vivida no “espaço” da intimidade compartilhada.

Despertando o Coração Global : Um Programa Mundial de Educação

A crescente interconexão eletrônica, disponível para todos do planeta nas duas últimas décadas, vem tornar visível o conceito da formação de um cérebro global onde o exercício da inteligência coletiva se torna atividade cotidiana. Compartilhar informações, opinar, fazer campanhas, ao mesmo tempo que podemos nos colocar a

qualquer momento em contato com evolução de pesquisas, com grandes produções nas artes e um sem número de áreas do conhecimento incluindo alguns considerados, até pouco tempo, esotéricos e restritos a certas tradições de sabedoria.

Na esfera da nossa percepção passamos a considerar as questões mundiais que afetam a todos, e mesmo as questões dramáticas de regiões e povos específicos, parte do nosso dia a dia. Começamos a nos comunicar com áreas distantes e fazer sinapses rápidas que nos ajudam a nos transportar para situações, regiões e culturas muito diferentes da nossa. A ampliação da nossa consciência para a escala planetária nos dá outra espacialidade, temporalidade e expansão de nossa identidade além dos limites da família, tribo, clã, povo, nação. As crianças que nascem atualmente no contexto desta planetarização já se sentem cidadãos do mundo e intuem com facilidade o nosso pertencimento à casa comum e à humanidade.

O Programa Mundial Despertando o Coração Global foi lançado em Julho de 2005, no “Encontro de Washington” da Rede Global de Educação para a Paz. Formatado em cinco pontos, seus quatro primeiros pontos indicam as propostas de ação e o quinto ponto corresponde à criação das “Conferências Mundiais de Educação”. As Conferências – Projeto WECON – são oferecidas como ferramentas locais, interligadas mundialmente, como processos contínuos de gestão compartilhada e co-criação.

O Programa “Despertando o Coração Global” aponta caminhos onde os princípios indicados acima, juntamente com os valores que compõem as bases da “Cultura de Paz, Sustentabilidade, Cidadania e Governança Mundial”, se expressem em trilhas de aprendizagem e ferramentas transformadoras. Indica para relações educativas que incorporem a interdependência e exercite a autonomia. Considera que os processos educativos precisam contemplar todas as dimensões humanas e nos abrir para a vastidão das nossas possibilidades de auto-descoberta, assim como dos diversos níveis de consciência que podem ser tocados, investigadas, quando exploramos a experiência das nossas múltiplas capacidades. Nos vê como, não somente herdeiros da evolução cósmica e da vida, mas como agentes ativos dos processos de mutação que dão corpo às transições civilizatórias. Considera os princípios apontados acima como vetores das nossas relações de aprendizagem e desafios para que criemos ambientes e dinâmicas educativas capazes de materializá-los em nossos projetos pedagógicos.

Indica que as formas de organização dos sistemas e práticas educativas predominantes não dão conta de tornar efetivos os princípios e valores apontados acima, mesmo que os torne conteúdos curriculares. As visões vigentes podem ter sido funcionais para outros tempos, mas como tudo na dinâmica histórica e civilizatória, tem seu tempo de validade. Estar fora do tempo e desajustado com a espacialidade recriada pelas transições tecnológicas e de consciência, gera doenças, desperdícios, altos custos individuais e sociais. Neste caso, para nossos filhos e toda a gama de educadores nas diversas instancias da sociedade.

O Programa compõe-se de cinco pontos e propõe objetivos e focos para a ação educativa que inclui os caminhos indicados abaixo:

1. Superar a Ilusão da Separatividade: física quântica – biologia do amor –teoria da complexidade - transdisciplinaridade - meditação – relação corpo-natureza – absorção estética – solidariedade prática mundial -

Além das conexões eletrônicas do cérebro global, a mente humana transcende as dimensões convencionais de tempo e espaço, como indicado nas observações dos fenômenos “não-locais” e não consecutivos. Acontecem ao mesmo tempo em qualquer lugar. Em muitas dinâmicas de resolução de conflito as partes confrontantes descobrem que no fundo buscam a mesma coisa: a satisfação de necessidades comuns a todos nós humanos. Dentre estas necessidades, não somente as de subsistência, segurança e não-exploração, mas também necessidades afetivas e sociais como o respeito, a amizade, a não-violência, a não dominação, o diálogo.

A consciência do nosso pertencimento à teia da vida, a noção de que nossos corpos são compostos e alimentados pela natureza nos ajuda a caminhar para além de nossas identidades particulares. Também entender que a concentração de recursos materiais e de poder por classes e nações está na raiz das guerras e violência social. Que as guerras militares e econômicas atingem mesmo que indiretamente a todos. Há os refugiados das guerras e da fome. Saber que compartilhamos a mesma casa mas também a mesma humanidade. O desafio da cidadania e da transformação é local, e também planetário.

É interessante notar que as habilidades para o futuro indicadas pelo Fórum Econômico Mundial não mais tomam a educação atrelada à divisão social do trabalho, ao desenvolvimento de funções cognitivas instrumentais, e à competitividade e

individualismo como conhecemos na maioria das corporações hoje. Indicam como as habilidades principais para a economia: o Trabalho em Equipe; a Empatia; o Pensamento Crítico; o equilíbrio entre a Inteligência Artificial e a Inteligência Humana; e o Empreendedorismo. Importante notar que habilidades sócio afetivas e relacionais ganham destaque como vantagem comparativa nesta visão econômica da capacitação para o futuro do trabalho. Parece que o individualismo e competitividade, a frieza emocional, o pensamento da conformação com as regras e autoridade estão ficando disfuncionais nos setores mais desenvolvidos da economia.

A distorção acontece quando colocamos o econômico como parâmetro para a educação. Mesmo quando falamos de habilidades humanas que demandam um desenvolvimento emocional e afetivo como a Empatia. Neste contexto estas habilidades passam a ser vistas como requisitos funcionais e pautas de comportamento empresarial subordinada a interesses próprios e corporativos. As qualidades humanas fundamentais são universais por natureza. A Empatia, como habilidade que deriva do Amor e Compaixão, para que seja genuína precisa ser incorporada como desenvolvimento das qualidades do ser, não podendo se transformar numa funcionalidade. Segundo sólidas tradições de sabedoria, as qualidades essenciais do ser, com as quais todos nós somos dotados por natureza, mesmo que não as tenhamos desenvolvido, se distorcem ou tornam-se o contrário quando restritas a interesses particulares como: somente para minha família, meu time de futebol, meu país, membros da minha religião, da minha etnia, aos membros da minha corporação e suas relações de mercado. É bom sinal que estas qualidades humanas essenciais estejam sendo consideradas vitais também no mundo dos negócios. Certamente muitos vamos buscar desenvolver estas qualidades e termos a chance de nos conhecer melhor como seres amorosos e compassivos. Este desenvolvimento, se genuíno, nos coloca diante das questões cruciais da humanidade.

A questão que permanece para o mundo corporativo é como que os negócios na sua concretude cotidiana, incorporados em normas, procedimentos e decisões estratégicas, vão transcender suas práticas de concentração de riquezas e de poder, suas relações privilegiadas, manipulatórias e muitas vezes corruptas com governos, suas relações predatórias com a natureza e o patrimônio público, as estruturas autoritárias nas relações de trabalho, dentre outras dificuldades de se aplicar princípios

humanitários às suas práticas corporativas. A empatia certamente pode levar as corporações além de suas pautas declaratórias de Responsabilidade Social. Pode levá-las a contribuir, com a eficácia que costumam garantir a seus negócios, de forma significativa diante das mencionadas questões cruciais da humanidade: a fome, as doenças, o analfabetismo, a violência, as guerras. Como para as religiões, esperamos que os negócios não sejam os motivos das guerras e violência, mas contribuam para curar as feridas da destruição e para alavancar vigorosamente o crescimento de toda a humanidade.

2. Conectividade e Cura Social: Criar Intimidade/Vínculos Significativos com o maior número possível de pessoas no mundo –

Muito rapidamente o mundo se tornou conectado nos colocando potencialmente ligados a uma grande quantidade de acontecimentos em diversos lugares do mundo. As fontes de informação se multiplicaram. Acervos de grandes bibliotecas e obras dos maiores museus do mundo se tornaram disponíveis em tempo real. No nível das relações humanas abriu-se a possibilidade de uma multiplicação exponencial do número de pessoas com as quais interagimos. Trabalhos cooperativos, diversos grupos se formaram contemplando a mais variada gama de interesses. Nem sempre as famílias, as escolas e agentes educativos da comunidade onde vivem as crianças acompanham este rápido movimento de expansão global.

As crianças e jovens conectados se sentem parte deste cenário ampliado e da aceleração do tempo. Este cenário apresenta a necessidade e oportunidade da “educação do futuro” desenvolver dinâmicas educativas capazes de processar estas informações e exercitar a sensibilidade ampliada que nos possibilita construir vínculos significativos com um maior número de pessoas em todo o planeta. A capacidade de fortalecimento e recomposição do tecido social, desde as relações cotidianas, passa pela qualidade amorosa, amiga, cooperativa dos vínculos que criamos e dos laços de confiança que assim ganham raízes.

A nossa sociedade e a humanidade como todo acumulou ao longo da história uma grande quantidade de conflitos, divisões, antagonismos. No contexto da separatividade em que vivemos, construímos identidades particulares e as figuras dos nossos inimigos. Vínculos significativos não decorrem somente da disponibilidade de

canais de comunicação e ferramentas interativas. O processo de desenvolvimento da sensibilidade que nos conecta em níveis de maior intimidade e compartilhamento depende da cura de muitas das feridas herdadas e da cura das feridas criadas todos os dias pela violência, exploração, fome e guerras. Em muitos lugares as famílias e a escola tem sido lugares que precisam ser curados e instituições a serem recriadas na sua dinâmica com o mundo em transformação. Locais onde surge grande parte da violência e exclusão das crianças, não tem conseguido, nos seus formatos atuais, serem ambientes que se recriam através de dinâmicas capazes de lidar com as disrupturas e ajustes da transição. Muitas delas, mais refletem do que transcendem as dificuldades destes novos tempos.

Temos visto, recentemente, uma onda conservadora que, em função das rápidas mudanças e seus efeitos disruptivos, levam grandes nações do mundo a se dividirem ao meio e buscarem realizar um sonho do passado. Os valores tradicionais, os empregos nas indústrias que não existem mais, as velhas tradições, os momentos de glória mesmo que tenham vindo de vitórias militares, impérios econômicos, ou do senso de supremacia racial, patriarcal, e da aversão a imigrantes e refugiados. Como acontece nos processos de rápida modernização, cria-se uma dicotomia entre tradicional ou moderno. Hoje busca-se isolar e buscar a recuperação de antigas identidades, em contraponto a globalização econômica e movimentações migratórias vistas como os novos inimigos às identidades e supremacias nacionais.

Há um grande componente conservador nos movimentos que apontam para necessidades ao mesmo tempo pessoais e globais como no movimento ecológico. Nas necessidades de recompor e potencializar as comunidades e as relações diretas, a necessidade de se recompor o tecido social com laços de amizade e o exercício colorido da co-criação, do cuidado com suas crianças e jovens, da vida além dos rótulos e das especializações. Como se sabe, o grande capital não tem pátria e muitas vezes prefere transitar para países de tradição comunista do que preservar empregos na suas pátrias capitalistas. As comunicações de massa não obedecem fronteiras, os movimentos migratórios são forçados pelas guerras e fome ou pela atratividade dos centros que oferecem emprego e que buscam mão de obra barata e o sobre-trabalho. O mundo que se apresenta todo dia nas nossas telas nos convida também a intensificarmos a descoberta do outro, de outros lugares, das histórias e culturas diferentes no sentido de

irmos ampliando a viagem do nosso espírito que não tem fronteiras. Como criamos nossos inimigos, podemos também ver o outro como fonte da minha curiosidade e convite para minha expansão. Assumirmos desafios comuns, criarmos formas solidárias. Um mundo que vai se “aproximando” ao invés de ir “me ameaçando”.

Um dos “sinais” na estrada da transformação indica: “não se pode resolver um problema com o mesmo estado mental que o criou”. Certamente, fabricar os carros de antigamente não vai encontrar compradores e não vai trazer de volta os empregos. Fechar fronteiras, não vai impedir que o mundo funcione além das fronteiras dos estados nacionais. A interdependência que sempre existiu, intensificada pelas comunicações e trocas do mundo contemporâneo, não vai terminar com qualquer esforço de nos escondermos no nosso canto, defendermos nossa propriedade, e não falarmos com estranhos. De alguma forma, estamos “condenados” a conviver numa “cidade” que é o planeta todo. A autonomia e o empoderamento individual e comunitário não são resultado da separação mas da criação de novas formas de poder e de solidariedade social no contexto da interdependência.

3. Promover Soluções Práticas: conhecer seus recursos, mapear necessidades e possibilidades. Criar Parcerias

O conhecimento é o caminho primordial para gerarmos soluções práticas para nossa vida, tanto no que diz respeito a criação dos filhos, dos ambientes de aprendizagem, da saúde, da profissão, das relações interpessoais, do exercício de funções públicas. Se considerarmos a multidimensionalidade da experiência humana, esta praticidade se expressa de diversas formas e em diversos níveis. Certamente, alguns deles fogem do nosso planejamento racional e controle. Sabemos que em algum nível de conexão com nossa sabedoria interna precisamos nos nutrir da praticidade de conhecimentos que precisamos incorporar.

As crianças, como todos nós, dependem de experimentar situações de aprendizagem para que possam desenvolver sua capacidade de contato com suas fontes de sabedoria, vão desenvolvendo conhecimentos úteis para suas vidas em função dos ambientes propiciadores de aprendizagem significativa. Ambientes que lhes permitam processar pelos sentidos, sentimentos, imaginação, laços afetivos, pela curiosidade

e capacidade criativa seus talentos. Desenvolver as habilidades que as habilitem a lidar com o mundo cotidiano hoje em escala ampliada.

Os centros de educação são hoje os espaços que as famílias tem para ampliar o espectro da experiência de seus filhos. Qual a qualidade destes espaços é que é a questão. Ambientes propiciadores de aprendizagem quase sempre são os que ajudam as crianças a explorar, a descobrir, a conectar com outras dinâmicas que não somente as familiares. São, também, espaços onde se poderia incorporar uma disciplina saudável e a capacidade de desenvolver hábitos que lhe favoreçam a autogerir progressivamente suas atividades. Disciplina tem a ver com o discípulo, com quem aprende, e não com a autoridade como estamos acostumados em nossas tradições autoritárias e hierárquicas.

Crescemos na modernidade sob a égide das fileiras e patentes militares, dos quadros da burocracia privada, pública ou religiosas, dos superiores que sentem que podem mandar em nossas condutas, e julgam o certo e o errado em nossas vidas. Disciplina diz respeito ao discípulo. Como virtude incorporada, viabiliza o desenvolvimento da autonomia na interdependência. Nos potencializa. Todo o fazer contém disciplina, passos a seguir, foco, objetivos. Também, desenvolver o nosso ser em suas diversas dimensões requer hábitos e conexão interna, a prontidão da sintonia.

Para fazermos nossas escolhas e favorecer as crianças que progressivamente se capacitem para escolher com clareza, para além de seus caprichos e manipulações da sociedade, precisamos nos “orientar e ocidentalizar”, “nortear e sulinizar”, ou seja, crescermos em todas as direções dentro do campo de experiências possível de ser explorado no nosso tempo. E hoje, estas possibilidades são muitas e a capacidade de nossas agências educativas não tem se mostrado em sintonia com o tempo de fortes movimentos de mudança pessoal, grupal, nacional e planetário. A disciplina no entanto só pode florescer no amor, em ambientes e relações de confiança, de respeito às originalidades e momentos do progresso de cada um. Ela cresce com os desafios do aprendizado que vai nos levar a discernir melhor. A descobrir camadas de nós mesmos e possibilidades de soluções práticas e criativas diante de situações aparentemente adversas, ou caminhos que propomos percorrer sem sabermos qual o relevo e as bifurcações que vão se apresentar. A imprevisibilidade requer adaptabilidade e força.

Estarmos preparados para nos desenvolver não é a mesma coisa que montarmos sistemas lentos, onerosos e ineficientes, ou cursinhos particulares para nos preparar

para exames, provas e seleção. Encaixar no sistema, ter a garantia do serviço público, competirmos para as melhores vagas no jogo de exclusões, desigualdades estruturais, e uniformidades. Em um mundo onde os negócios e as profissões não funcionam mais no enquadre miúdo da nossa visão “educativa” . As avaliações da utilidade do conhecimento, da praticidade para nossas vidas, famílias e coletividade acontece todo o tempo e é inerente às próprias atividades. Avaliamos os produtos que compramos, os relacionamentos que temos, ou as informações que queremos incorporar no acervo de nossas operacionalidades e vivências. Na “proposta Labor” que foi implantada por três anos na periferia de São Paulo, a avaliação era feita todo dia para cada criança. Havia o compromisso que as crianças aprendessem pelo menos uma coisa útil para a vida delas por dia. O progresso de cada um e de suas relações afetivas no grupo, com a família e interesse pelas atividades era objeto de avaliação permanente. Na sua especificidade, a escola cumpria todos os requisitos curriculares mesmo que não se organizasse segundo as grades e formatos oficiais. Crianças multi repetentes, com histórias afetivas complicadas, de família de baixa renda. No centro do currículo as experiências do cotidiano que incluíam as trazidas da família, tradições, das observações do mundo, das tarefas e convivência no contexto da escola. Especialistas sistematizavam o conhecimento à partir do que as experiências ofereciam. O resultado dependia de suas habilidades de extrair dos conhecimento manuseado pelas crianças os códigos convencionais adotados na sociedade e nos sistemas de ensino.

Como dizia Madre Tereza “não precisamos fazer grandes coisas, mas podemos fazer pequenas coisas com muito amor”. Esta me parece ser a principal pista para os caminhos do conhecimento que se torna útil para todos os envolvidos. Irmos progressivamente reconhecendo nossos recursos e possibilidades, nossos e de nossas comunidades, garantirmos significado nas ações e nos aprendizados que nos conduzem ao desenvolvimento e florescem na potencialização da comunidade local e ampliada. Fazermos dos ambientes educativos nos quais trabalhamos, locais saudáveis. Ao invés da grande quantidade de licenças, evasão e violência, possamos ter ambientes favoráveis ao conhecimento, ao autoconhecimento, ao desenvolvimento da inteligência individual e coletiva. Lugar de celebração e de co-criação.

4. Celebrações: Celebrar nossas Raízes e Tradições – Leveza e Alegria – Congraçamento

Há culturas fortemente celebratórias que homenageam intensivamente seus feitos históricos e datas religiosas. Se preparam para as festas, transmitem seus significados para as novas gerações, cultuam seus heróis, profetas, santos, gurus, deuses. Outras agradecem as dádivas da natureza, as colheitas, os resultados do trabalho. Há culturas que dão ênfase ao nascimento, aos aniversários, outras festejam o dia da morte e o dia dos mortos. Há grandes festivais seculares, alguns milenares, outros recentes que ganharam contornos massivos. Culturas espiritualistas celebram dimensões mais sutis como a luz, as cores, as águas. Eventos massivos onde os elementos subjetivos são componentes essenciais nas atividades externas dos rituais ou das brincadeiras.

As “Ecovilas” incorporaram o caráter celebratório em sua forma de vida. Em Findhorn, onde nasce o conceito de “Ecovilas”, nasce também o projeto das Danças Circulares que integra diversas tradições culturais. Rituais e festas muito específicos de uma cultura estão se tornando abertos para o público, muitas vezes como eventos turísticos, outras vezes como registros áudio visuais para divulgação. Enquanto preservadas as fontes de significado de cada povo, as visitas e mesmo a audiência massiva são oportunidades de se entrar em contato com a subjetividade coletiva, a riqueza e diversidade de cada forma própria de expressar a alma daquele povo. Nas sociedades ricas em celebrações rituais, muito de seu processo educativo acontece além das palavras, mesmo que palavras sejam utilizadas para explicitar o sentido dado pela tradição.

Muitos festivais atuais contém elementos “celebratórios” uma vez que compartilham características próprias de suas produções: literária, gastronômica, musical, teatral, audiovisual, dentre outras. Grandes shows de rock festejam os ídolos de gerações. Na sociedade de massa, entretanto, há uma polarização entre atores e audiência com quase nenhuma atividade de participação criativa das pessoas que passam a ser o público. Assim como cada cidadão concreto vira o povo, cada criança vira o aluno, ou as pessoas que precisam assistência viram o paciente. Categorias abstratas alimentam nossos relatórios e estatísticas e são bases para as políticas públicas. Mesmo celebrações originariamente religiosas se tornaram despidas de magia e de conagração à medida que assumiram um caráter comercial, criaram obrigações

de reciprocidade e etiquetas de conduta. Nestes casos não fomos capazes de recriar significados e inventarmos formas de genuína alegria.

Na tensão criativa do massivo que perdeu a subjetividade, na divulgação que se distancia dos significados rituais que falavam direto às esferas mais estruturadoras do psiquismo, abre-se a possibilidade e explicita-se a necessidade de recriar-se as linguagens rituais e cerimoniais. Também é necessário ajudar cada comunidades, povo, tribo, tradição a recuperar os elementos essenciais de suas celebrações, permitindo que elas mesmas se recriem no contexto da cultura de paz, da sustentabilidade, da cidadania e governança global. O re-encantamento do mundo, do conhecer, do confraternizar-se, da co-criação requer mais luz, cores, água, dança, música, teatro, brincadeira, e incorporar a multidimensionalidade dos sentidos, dos significados, da sintonia.

Uma mediação e resolução pacífica de conflito foi necessária quando duas “tribos” se encontraram para gravar para a televisão um ritual de iniciação de adolescentes entrando na puberdade. A tribo originária onde o ritual iria acontecer e a “tribo” da televisão, como caracterizou o mediador. A “tribo” da televisão chegou de avião, cheio de equipamentos e queria gravar logo pois o programa estava na pauta para daí a três dias. A tribo originária, guardiã dos significados do ritual disse que o mesmo só acontece quando as meninas menstruam, o que tinha a ver com o ciclo delas, em sintonia com os ciclos da lua e da natureza. Não há iniciação dos meninos sem o das meninas e vice-versa. Mundos diferentes, linguagens, referências temporais e significados distintos.

Temos utilizado celebrações nos encontros da “Rede Global de Educação para a Paz” nos diversos continentes. Música, danças circulares, danças étnicas, e rituais de recriação de símbolos como as bandeiras. Vídeos em tributo a referências como John Lennon, Gandhi, Gorbachev, Luther King, Mandela. Músicas em parceria com a fundação “Playing for Change” gravadas com músicos de rua de todos os continentes. A cerimônia das bandeiras criada pela “World Peace Prayer Society” combinando mantra com as bandeiras de todos os países representados na ONU. E ainda, uma criação brasileira, de costurar bandeiras próprias de cada evento à partir de pedaços regulares de tecidos pintados pelos participantes. No Brasil, neste tema das bandeiras divulgamos a campanha para que retorne a palavra AMOR à bandeira brasileira como

era a proposta original: Amor – Ordem - Progresso. Há uma justificativa escrita pelo Darcy Ribeiro, quando senador, e um projeto de lei na câmara do deputado Chico Alencar.

Temos parceiros que estão desenvolvendo projetos de criação de símbolos como o “Marco da Paz”, implantado em lugares públicos de diversos países do mundo, incluindo a China, México, Argentina, dentre outros, e até em Assis na Itália, área preservada pela UNESCO como patrimônio da humanidade. No Brasil, no Pátio do Colégio onde se fundou a cidade de São Paulo e na Basílica de Aparecida do Norte. Nem sempre notamos que em nossas cidades quase sempre temos esculturas de generais em cima de seus cavalos, com espada para alto. E que mesmo os famosos arcos do triunfo em Paris, Roma e tantos outros são monumentos por onde passavam os soldados após terem massacrado seus adversários. A preservação da memória, dos símbolos de diversas épocas e culturas, deve vir acompanhada da consciência de seus contextos e significados. Bem como, da necessidade de recuperarmos valores deixados à margem da história, dos povos dominados, excluídos, colonizados com suas narrativas próprias e suas contribuições para nossa constituição social. Da mesma forma, podemos criar símbolos para celebrar outras vitórias: da superação dos preconceitos, da pobreza, de doenças, das separações, por exemplo. A educação do futuro está convidada a exercitar a criação de símbolos através dos quais cada pessoa e comunidade possa fazer nascer de seus sentimentos, imaginação, intenção os significados da convivência fraterna, justa e pacífica. As celebrações são formas de apreciação coletiva, de dar graças, de reconhecimento, de se alegrar, de afirmar.

Projeto WECON e a Reorganização do Poder na Sociedade –

O poder é uma qualidade inerente a cada ser humano. Já nascemos com conhecimento incorporado que nos permite, desde o início, desempenhar funções básicas necessárias à nossa sobrevivência. Vivemos situações de maior dependência ou autonomia no contexto da interdependência, que nos caracteriza. A inteligência corporal de um bebê depende dos cuidados da mãe ou outro adulto para se alimentar, aquecer, criar condições de proteção. Este poder vai se constituindo mais autônomo à medida que cada criança começa a se relacionar se organizando em movimentos e

comunicação com as pessoas em torno. O andar, o falar, ter noção de si como distinto da mãe e dos outros vai lhe dando os primeiros contornos da sua identidade como sujeito com suas características próprias. Uma vez que o nosso conhecimento inato e aprendido vai sendo manifestado e incorporado, cada um começa a ter noção dos efeitos que gera no seu contexto. Todos afetamos e somos afetados pelas nossas ações e pela trama das condições que nos constitui como seres de relações. Nosso poder aumenta à medida que nossa capacidade de conhecer e atuar no mundo progride.

Ao longo da história, à medida que nossa capacidade de conhecer evolui em função da necessidade de lidar com os desafios da sobrevivência e segurança, das condições de procriação e cuidados com a prole e nossa capacidade de transmitir e aperfeiçoar saberes acumulados, a vida tribal, clânica, social vai ganhando novos contornos e coloridos. Novos conhecimentos e suas aplicações tecnológicas vem marcando época no avanço da humanidade desde a descoberta do fogo, dos instrumentos de pedra e de metal, da roda, da tecelagem, da marcenaria até a prensa de tipos móveis, o telescópio, o microscópio, as máquinas industriais e agrícolas. A humanidade foi mudando sua visão de como relacionar com a natureza, perscrutar o universo, se comunicar. O poder dos seres humanos multiplica-se exponencialmente à medida que começa a controlar e manipular forças da natureza criando artefatos potentes. Do fogo, ao vapor, à eletricidade, ao campo magnético, à energia atômica. Da prensa, às grandes impressoras, ao rádio, à televisão, aos computadores aos celulares. Satélites de comunicação e espões. Da roda, bigas, barcos, navios, carros, aviões, foguetes. Muitos usos ganham o conhecimento e sua aplicação. Conformações sociais nascem ou são afetadas pelo controle dos recursos gerados pelo avanço do conhecimento. A pauta de necessidades se amplia. Da importância da sobrevivência e segurança, ainda não garantidas pelos seres humanos, às necessidades de comunicação, acesso a bens e serviços contemporâneos, participação.

Na esfera da organização do poder, desde as formas rudimentares do estado que nasceram em sociedades que surgem em substituição à ordem tribal, vemos uma crescente concentração do poder surgida pela exclusão e a separatividade. Mesmo as sociedades mais afluentes atuais não conseguiram sair do quadro da exploração interna e das confrontações externas iniciadas naqueles primórdios. Quanto mais complexas se

tornam as sociedades mais as formas convencionais de organização do poder se caracterizam pela concentração e separação de seus referentes. Mesmo nas sociedades democráticas onde se afirma que o poder emana do povo vemos nossos recursos colocados em contas bancárias ou em fundos de pensão aplicados conforme pautas e interesses dos proprietários dos bancos e gerentes dos fundos. Nosso sistema representativo extrai nosso voto a cada dois anos para pessoas que não mantêm contato orgânico e constante conosco, com nossas vidas, interesses e necessidades. À medida que alieno meu poder aos representantes eles se comportam conforme interesses próprios, corporativos, dos grandes grupos econômicos, das oligarquias conjugados às burocracias instaladas nos aparatos do estado.

Na esfera da cultura, produções populares ficam à margem da divulgação ou são apropriadas pelas grandes gravadoras e distribuidoras. As notícias são dadas ou omitidas conforme os interesses editoriais de grandes grupos. A indústria cultural gera modas e dita pautas de comportamento. Somos audiência que é medida e disputada constantemente. Os sistemas de educação e saúde não fogem à regra da concentração e vulnerabilidade a fraudes criminosas, informações privilegiadas, máfias. A educação que é por natureza um processo relacional, fica engessada e enlatada nos pacotes e normas, nos acordos corporativos, na centralização que decide sobre o que devemos estudar e como funcionar as unidades de ensino. Ficamos dependurados pela cabeça sem conseguirmos colocar os pés no chão, na realidade cotidiana, na experiência de vida e dinâmica do conhecimento que acontece com cada um. A vida não conta, o que conta é o que vai cair na prova, igual para milhões, para a qual nos preparamos desde os primeiros anos. Os exames centralizados funcionam como os atratores, imãs que definem o sistema. Não estamos formando pessoas mas funcionalidades.

O Poder que Conecta

Há um poder que conecta que atua desde as forças da natureza quanto às diversas formas de solidariedade social desenvolvidas pelas culturas humanas. Há o poder sobre: hierárquico, centralizado, dominador e o poder com: horizontal, exercido em grupos e formas colaborativas onde responsabilidades de agregação, coordenação

ou focalização podem ser desenvolvidas alternadamente por pessoas do mesmo grupo. Poder de manifestações coletivas que se tornaram disseminadas pelos meios eletrônicos, das milhares de comunidades virtuais que são criadas com frequência, bem como, das dinâmicas horizontais de tomada de decisão das milhares de Ecovilas e comunidades de base territorial espalhadas pelo mundo.

Um exemplo de desenvolvimento comunitário participativo é o projeto “Cultivando Água Boa” apresentado no Encontro Continental da América do Sul da “Peaceglobalnet” em Foz do Iguassú. O projeto é desenvolvido em toda bacia do Rio Paraná, iniciado e apoiado pela Itaipu Binacional. Ao lado de prevenir a contaminação do rio pelo uso de agrotóxicos, disseminam a agricultura orgânica, recuperam as matas ciliares e o cuidado com os cursos d’água de toda a bacia, investem no desenvolvimento rural sustentável onde as formas participativas levam as comunidades a assumirem responsabilidade compartilhada, não somente pela preservação ambiental, mas por todos os aspectos da vida comunitária incluindo a educação, saúde, atividades produtivas da agricultura familiar, da pesca dentre outras. O compartilhar os processos de decisão leva os habitantes a elaborar uma “Constituição Local” explicitando os princípios, valores e compromissos assumidos.

Há o poder restaurativo de harmonizar nossa relação com a natureza e gerar progresso e bem estar, como no exemplo acima, mas também no restaurar as relações sociais esgarçadas pelos conflitos, divisões e formas de dominação. Muitas ferramentas foram desenvolvidas e são aplicadas mundialmente por parceiros da “Peaceglobalnet”, algumas delas em escolas e dinâmicas educativas como a comunicação não-violenta, já citada, a constelação familiar, técnicas de mediação escolar, círculos restaurativos, técnicas de diálogo, dentre outras. E há as conferências de pais e educadores como as da Nova Zelândia onde as diversas questões relacionadas às crianças, adolescentes e jovens da comunidade são resolvidas no contexto das conferências locais. Mesmo questões de “desvio de conduta” e necessidades especiais são objeto da condução das formas cooperativas locais. Somente crimes que envolvem sangue relacionados aos jovens são encaminhados às instituições judiciárias. Até este limite, as questões e mesmo iniciativas que promovem o desenvolvimento das crianças e jovens são tratadas no âmbito das conferências de pais e educadores locais.

O Projeto WECON

O Projeto “WECON – Conferências Mundiais de Educação” visa implantar, em todas as comunidade interessadas, espaços de conferências conectadas em rede mundial. As “Conferências Locais” são espaços de encontro onde pais, professores, profissionais da saúde, artistas, comunicadores, artesãos e outros adultos se reúnem para conferenciar em torno das potencialidades e necessidades educativas das crianças, adolescentes e futuras mães de uma localidade. Diferentemente das atividades desenvolvidas pela “Rede Global de Educação para Paz” até agora, as “Conferências Locais” não são eventos mas um processo contínuo, lugar de encontro, comunidades de base territorial. Uma de suas equações organizativas é a COMNET que combina comunidades e rede. As WECON se formam por laços de afinidade e interesses comuns, neste caso o desenvolvimento pleno e saudável das crianças e adolescentes da localidade. No exercício da cooperação e da solidariedade prática via rede mundial de conferências locais, cuida para que os processos educativos das comunidades incorporem os princípios acima mencionados e valores fundamentais ao desabrochar de cada criança na sua trajetória concreta de vida e relação.

No contexto da “Educação do Futuro”, se propõe a exercitar outra equação educativa - GLOBAL, ou seja, global e local. O local onde as relações cotidianas se dão ao compartilhar condições comuns em diferentes graus de intensidade e as varias opções de conexão, ampliada via as redes eletrônicas. Já em 1993, na “Conferência Internacional de Educação do Futuro”, um projeto via redes, baseado numa pequena cidade da Noruega, colocava em contato crianças de 150 países para conversar sobre quatro questões: Quem sou eu? Como está o mundo hoje? Como vai estar quando eu crescer? O que eu posso fazer? Muitas das crianças não falavam inglês, mas se comunicavam via desenhos, símbolos. O Projeto “Kidslink” recolheu um grande número de material produzido nestas trocas que mostravam como questões simples como “quem sou eu” são respondidas dentro de lógicas e visões de mundo muito distintas. Como temas comuns apareciam para a maioria as questões ecológicas e das guerras. Ainda, como as crianças se viam fazendo parte da cena global mesmo que pretendessem atuar em suas cidades ou comunidades. Hoje, uma gama enorme de atividades e formas de cooperação podem se desenvolver em projetos de construção,

pesquisa, musicais, e mesmo nas trocas entre pessoas que vão superando divisões, diferenças e em muitos casos, podendo conversar com pessoas de países inimigos. Como, por exemplo, no Projeto “Eu Amo os Iranianos” do lado israelense correspondido pelas ações do “Eu Amo os Israelenses” do lado iraniano, mostrando que as pessoas não precisam se limitar à miopia e interesse de seus governantes. Que a amizade e cura de feridas históricas podem, de forma poderosa, atravessar fronteiras, pular muros e cercas, caminhar na velocidade da luz e da amorosidade despertada em cada um de nós. Cidadania ampliada, senso de humanidade.

A complementaridade entre o presencial e virtual – equação PREVIR – parece óbvia em nossos dias, mas vale a pena destacar que como um projeto de cidadania local as “Conferências Locais/Mundiais de Educação” são espaços primeiramente de encontro presencial mesmo que com periodicidade variáveis a cada mês, quinzena ou semana. Nestes encontros os educadores envolvidos nas trocas de saber, iniciativas de projetos e ações, articulam sua cooperação pelo conferenciar, conversar, dialogar, com pautas de consenso e criação conjunta. Os encontros vão muito além das informações e sugestões. São os espaços onde os vínculos se estreitam, os tecidos são recompostos, os insights se formam. É fundamental que haja um processo de escuta amorosa, sem julgamento, enriquecedor. É onde se ouve além dos ouvidos, com os outros sentidos, com a predisposição que acolhe, com o reconhecimento da nossa igualdade, com o apreço pelo ser único que cada um é, assim como é única sua história, suas narrativas, seus talentos, seus temores. Ativando o poder da cooperação, lastreada nas capacidades, talentos, experiências de cada um, bem como, nas possibilidades de parcerias, trocas e ampliação de espaços das conexões virtuais. As conferências regulares, presenciais podem e devem ser espaços onde representantes dos serviços públicos, oferecidos na região, conversem, ofereçam subsídios, ouçam as narrativas locais referentes a utilidade e efetividade dos serviços, criem juntos soluções e formas de interagir que possam diminuir a distância entre os referentes, cada cidadão, e os serviços prestados em seu nome pelos aparatos do Estado. Em todas as três equações organizativas citadas, referentes ao Projeto WECON, a utilização dos recursos eletrônicos está contemplada. Nesta equação, especificamente, o virtual é tomado como recursos que os participantes das WECON locais podem utilizar para compartilhar informações, ações formativas e de gestão conjunta referentes a sua dinâmica

cooperativa, sem a perda da supremacia das atividades presenciais, que caracterizam as Conferências.

Pontos que sintetizam o Projeto WECON:

- São espaços de Encontro onde se compartilha conhecimento e co-cria soluções, formados por moradores de uma comunidade que assumem a responsabilidade de promover, via cooperação e parcerias, as condições necessárias a garantir às crianças, adolescentes e futuras mães, proteção, cuidado, atendimento das necessidades básicas para seu pleno desenvolvimento.
- Se nutre dos saberes da comunidade gerando trocas solidárias desde o local ao planetário. Apoiam as famílias, em cooperação com as organizações educativas da comunidade, no acompanhamento integrado de cada criança, identificando seus talentos, interesses, levantando recursos mobilizáveis para concretizá-los.
- Promove a Gestão Conjunta dos processos de cooperação e da aprendizagem coletiva de seus participantes; estímulo às celebrações, às conexões, a amizade.
- Formam Redes Locais de Cooperação interligadas mundialmente a outros Espaços WECON – dialogando com redes complementares.
- Coopera com as instituições educativas da comunidade para a gestão conjunta dos espaços públicos que servem à comunidade.

Mudanças de Poder e Educação

No contexto da transição civilizatória que estamos vivendo, temos visto no dia a dia mais os efeitos da desmontagem da ordem hegemônica, do que as avenidas que podem nos levar ao futuro. As mudanças nos conceitos básicos - que sustentam as visões de mundo e formas de organização social e do poder - são lentas no sentido de gerar efetivas transformações a curto prazo. Tomar consciência do que não funciona, mesmo que via as decepções, já é um grande progresso. Deixarmos de investir em fórmulas causadoras de desperdício, doenças e confrontações, nos convida a buscar novos fundamentos e caminhos.

Como apontado no “painel de abertura” com o registro de diversas iniciativas educativas que presenciamos no mundo, há um grande movimento de mudança na direção da educação do futuro ou de uma nova educação. No Brasil, um solo fértil para se lançar sementes, há fortes vetores ativos de mudança na educação. Há, para uma parcela dos educadores, a consciência que a escola precisa se integrar na vida das comunidades. Neste movimento, os jovens sinalizam que os ambientes escolares precisam ser mudados, que precisamos de natureza nos espaços de aprendizagem, que os jovens podem e querem prestar serviços às suas comunidades, que eles trazem

conhecimentos vindos de diversas fontes fora da escola e que precisam ser integrados, que experiências de vida, seus desejos e habilidades podem os ajudar a se guiar no campo de infinitas possibilidades do conhecimento. Que as oportunidades de ambientes amigáveis e propiciadores da criatividade e cooperação podem alimentar projetos inovadores. Um exemplo interessante é das escolas que seriam fechadas em São Paulo e foram retomadas pelos estudantes. Depois de se organizarem promoveram aulas na rua com professores convidados. Direcionaram seu movimento para a mudança das escolas, e não para cumprir palavras de ordem de partidos ou interesses de grupos políticos. Na retomada, alteraram, em cooperação com os professores, os formatos das salas de aulas, passaram a definir em conjunto os conteúdos, alteraram as relações de autoridade e avaliação.

Na esfera das escolas, a ação conjunta com a comunidade precisa ir além das cobranças e consultas. Precisa permitir uma avaliação sincera das dificuldades das escolas se recriarem em sintonia com as necessidades e possibilidades desta época. As escolas precisam se tornar autônomas, como prevista em lei, mas não uma autonomia restrita a elaborar seus planos político-pedagógicos como peças declaratórias. Autonomia que permita ela se recriar, inclusive quanto a aplicação dos recursos que sustentem as novas propostas. Precisam inverter o foco, das demandas hierárquicas para as necessidades e potenciais, talentos e experimentações das crianças. Incorporar mudanças em acordo com as famílias e outros atores da comunidade, criando formas horizontais de cooperação. Estabelecer novos formatos, novas estéticas, para as relações educativas. O compromisso primeiro da educação em relação ao poder está, no entanto, na capacidade de educarmos a nós, e as crianças, pela integração de conhecimento das diversas dimensões da experiência. Considerando temas fundamentais do desenvolvimento humano, que dependendo das épocas de vida de cada criança, possam ser integradas, desde as pequenas ações, na formação de hábitos e de valores fundamentais a uma convivência saudável. As questões da sobrevivência e segurança; da sexualidade e reprodução; das emoções e do poder; da capacidade de incluir e transformar; desenvolvimento da intuição, criação; da consciência e escolhas; da inspiração, vontade e responsabilidade.

É fundamental afirmar que o Estado não é o educador. Que a tradição republicana de se garantir educação de qualidade para todos como condição da

cidadania, não atribui aos burocratas e políticos o direito de decidir o que se deve estudar, quais os conteúdos, o que deve se ler, e como avaliar a todos com os padrões da uniformidade. A perpetuação dos formatos ultrapassados de organização escolar e de relações de poder que engessam e criam cobranças e tensões nos educadores e alunos, gera doenças e violência. Extrai a educação do “locus” e da dinâmica que a constitui: as relações educativas, a experiência de cada educando, a fertilidade, a capacidade de organização e a inventividade dos grupos. Deixa de fora não somente o grande número de evadidos, mas a sensibilidade, a gentileza, a conexão com as forças vivas da natureza, a criatividade, a alegria de aprender e a utilidade do conhecimento para a vida diária. Despotencializa os educadores, sejam pais, professores e outras fontes de conhecimento, dentro de estruturas de relações autoritárias e centralizadas de poder.

Há uma nova estética do poder, portanto do conhecer e co-criar, que está sendo exercitada desde os níveis locais ao planetário. É uma estética da circularidade, do diálogo, da busca de consenso, além da lógica da controvérsia e da linearidade das falas de autoridade. Estética da escuta, silêncio, ritmo não unidirecional. Estética do Encontro e do reconhecimento das diferenças e da igualdade. Estética dos conselhos, dos coletivos, das comunidades de atores autônomos. O desenho das redes horizontais como fluxos de encontros, além das divisões de idade, raças, nacionalidades. Estética que deriva dos movimentos gerados pelo encontro consigo mesmo, com sua verdade, sua fonte de saber e integridade. Estética da participação além dos partidos e das hierarquias. Múltiplas possibilidades de arranjos, numa dinâmica de tempo e conexões que oferecem possibilidades contínuas de participação e criação coletiva de soluções.

Felizmente muitas experiências e projetos educativos estão acontecendo em escolas, associações, projetos comunitários que começamos a registrar na abertura deste artigo. Um painel em aberto, em construção, onde cada um está convidado a pintar seu próprio painel. Para que uma “Transição Civilizatória” se efetive, é necessária uma nova visão do mundo e da experiência humana. É necessário, também, acrescentar aos quatro conceitos (matéria, espaço, tempo e pessoa) um quinto elemento: quais são os vetores de força que acionam as transformações? A visão incorporada, é aquela que integra conhecimento em vivência, que dá sentido ao nosso entendimento do mundo e direção para a ação. A sua efetivação histórica, no entanto, só se opera quando esta

visão, incorporada por uma grande parcela de pessoas, se torna um movimento transformador. Os movimentos em educação que temos visto ganhando corpo no Brasil e no Mundo, dão sinal que há vetores de mudança potentes e uma grande possibilidade de convergências desde o nível local. A aposta do Projeto WECON, como operacionalização dos princípios e valores da Educação do Futuro delineados anteriormente, está no fortalecimento das comunidades. Com a formação das Conferências Mundiais de Educação em cada localidade, integrando os educadores: as famílias, professores, profissionais que atuam com as crianças, adolescentes e mães e com a colaboração ativa e criativa dos jovens, nascem núcleos capazes de vivenciar e incorporar essas mudanças, tecendo sonhos com a realidade.

Recebido: Nov/2016
Aprovado: Ago/2017